



PROFISSIONAIS DE MUSEU E O ACESSO AO DEFICIENTE VISUAL: A AÇÃO CULTURAL DO PROJETO “VEJA COM AS MÃOS”

Thais Regina Franciscon de Paula

**Mestranda Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação -
Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Bolsista CAPES - Brasil**

RESUMO

Apresenta um estudo a respeito da Ação Cultural no âmbito da Ciência da Informação, a partir da experiência do projeto “Museu, um projeto de inclusão: veja com as mãos”. Partiu do conceito de Ação Cultural de Teixeira Coelho e dos verbos “Informar, Discutir e Criar” propostos Luis Milanese. Entende o espaço Museu como unidade informacional. A abordagem utilizada foi pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas de grupo de foco com os participantes e a equipe organizadora do projeto, fez-se o confronto da concepção de Ação Cultural com o direito de acesso à informação e ao museu. Apresenta como resultados a satisfação dos participantes e da equipe em relação à atividade desenvolvida. Conclui que a equipe do museu atuou como agente cultural que se trata de “dimensão de profissões”, com responsabilidade e comprometimento no acesso à informação.

Palavras-Chave: Ação Cultural; Acessibilidade em Museus; Deficientes Visuais; Projeto “Veja com as Mãos”.

ABSTRACT

Presents a study about the Cultural Action in Information Science scope from the experience of "Museum, a project of inclusion: see with his hands" project. Uses the Teixeira Coelho's concept of Cultural Action and verbs "inform, discuss and create" proposed Luis Milanese. Understands the museum space as an informational unit. The approach used was qualitative research through focus group interviews with participants and the project staff, confronting the concept of cultural actions with the of information access right and the museum. The founded results are the satisfaction of participants and staff regarding the activity developed. Concludes that the museum staff acted as a cultural agent, being the cultural agent a "professions dimension", within information access responsibility and commitment.

Keywords: Cultural Action; Accessibility in Museums; Visually Deficient; Project “See with his Hands”.

1 INTRODUÇÃO

Possibilitar o acesso à cultura e à informação, colocando o indivíduo em contato com a história de sua cidade, foi o objetivo do projeto “Museu, um projeto de inclusão: veja com as mãos”, do Museu da Bacia do Paraná (MBP), órgão suplementar da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A equipe, – formada por

funcionários vinculados ao MBP, docentes e discentes dos departamentos de Geografia e, Arquitetura e Urbanismo da UEM –, elaborou o projeto de Ação Cultural que ocorreu entre os anos de 2008 a 2010, que contou com o apoio do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP) da UEM e com a Associação de Mestres, Alunos e Amigos dos Deficientes Visuais de Maringá (AMAADEVI).

O artigo se pautou em teorias de autores como Teixeira Coelho (1986, 1989 e 2004) e Luis Milanesi (1989; 2003). Segue o pensamento do segundo autor, o qual considera que o Museu é um Centro Cultural, à medida que executa Atividades Culturais. Estes espaços são Mediadores Culturais, pois propiciam à população o acesso aos bens culturais e à informação, contribuindo assim, para o desenvolvimento da sociedade. Veremos a seguir uma breve conceituação, seguida da análise do projeto, pautado na primeira etapa ocorrida no ano de 2008.

2 AÇÃO CULTURAL E OS VERBOS INFORMAR, DISCUTIR E CRIAR

Por *Ação Cultural*, tem-se a seguinte definição de Teixeira Coelho

[...] é um conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam por em prática os objetivos de uma determinada política cultural [...] processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura (TEIXEIRA COELHO, 2004, p.32-3).

A ação cultural tem quatro fases, níveis ou circuitos do sistema de *produção cultural* que consistem em Produção; Distribuição; Troca; Uso (ou consumo). Também pode ser classificada por duas graduações, sendo elas: *Ação Cultural de serviços*: parecido com *Animação Cultural* está nas diversas modalidades de Relações Públicas, Propaganda, Publicidade e, *Ação cultural de criação* ou *Ação Cultural propriamente dita*: diferentemente da ação cultural de serviços, não usa termos como “cliente” ou “público”, e tem como objetivo dar “[...] condições aos indivíduos de exprimir-se em todos os aspectos da vida social” (TEIXEIRA COELHO, 2004, p.34).

Sendo assim, ação cultural não focaliza o produto, mas sim, o processo, tendo início claro, entretanto, sem final determinado, nem etapas previamente estabelecidas, seu foco está em facilitar processos que visam formar sujeitos. Ela visa propiciar um relacionamento do indivíduo, para que este compreenda e domine

os procedimentos da expressão cultural. A ação sociocultural propõe ao indivíduo, uma reflexão crítica a respeito dos objetos culturais, sobre si mesmo e sobre a sociedade, desenvolvendo uma relação entre as pessoas, aproximando-as oferecendo não um momento de lazer; mas sim, buscando um resultado que seja um benefício social.

Para Teixeira Coelho apud Ramos (2007) a ação cultural tem como última finalidade, a construção de uma identidade cultural, possibilitando ao indivíduo que,

[...] se reconheça como um ser cultural, inserido em um espaço e um tempo determinados, e estabeleça vínculos efetivos com seu entorno. Nesse processo é fundamental a qualidade do trabalho, não do ponto de vista técnica, mas do processual. Qualidade implica em comprometimento, dedicação, envolvimento e uma proposta clara. Para isso, os agentes culturais precisam ser profissionais qualificados, que sabem o que está em jogo quando se trabalha com a cultura (RAMOS, 2007).

Para isso a autora também ressalta a importância da relação entre a casa de cultura, a cidade e os acontecimentos locais, salientando que no centro cultural a relação que deve existir é a cultura próxima da realidade na qual vivem os indivíduos e os grupos. A partir destas premissas, a autora defende que a ação cultural democratiza o acesso à criação e à produção da cultura, fazendo com que “[...] as pessoas tomem consciência de si mesmas e do coletivo através da experiência criativa, coletiva e do contato com a arte” (RAMOS, 2007).

Em “A casa da invenção” (2003), Milanesi defende seu conceito de Unidade Informacional, que se trata de uma instituição que também pode ser denominada como Centro Cultural, Centro de Cultura, Espaço Cultural, ou Casa de Cultura, entre outros termos; que se referem também a espaços como Bibliotecas, Arquivos, Centros de Memória e Museus¹, lugares que devem oferecer à comunidade todo tipo de suporte de informação, indo desde o tradicional impresso ao multimídia, englobando também os bens culturais materiais e imateriais.

Partindo do princípio dos verbos *Informar*, *Discutir* e *Criar*, o centro cultural deve trabalhar para oferecer à sua comunidade, atividades culturais e informações em seu acervo, de forma que contribua com o desenvolvimento da sociedade.

O verbo *Informar* é “[...] todo o conjunto de processos e procedimentos que leva o público a ter acesso às informações” (MILANESI, 2003, p.172). Para o autor é a ação mais frequente nos centros de cultura. Entretanto, as necessidades exigem que se vá além da organização, buscando administrar o fluxo total da informação. O

aparato de informação deve ser em primeira instância eficiente, atendendo de acordo com as necessidades, pois as características de cada meio social exigem ações diferenciadas. Desta forma, as atividades que compõe este espaço informacional necessitam ir além do acesso à informação, seja por meio dos suportes de registros oferecidos (materiais ou virtuais), seja por atividades culturais.

Para Ramos (2007), as casas de cultura são instituições que nasceram e se expandiram no contexto da Sociedade da Informação, que se atêm às necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo:

Questões como globalização, identidade cultural e a importância da informação e do conhecimento estão na ordem do dia e devem estar contempladas nas ações e na própria maneira como os espaços se organizam e atendem a seus usuários. Assim, os centros culturais devem atuar não somente como espaço de encontro, experimentação e reflexão, mas, também como equipamento informacional (RAMOS, 2007).

Para a construção de informações novas e a disseminação das informações construídas, está a atividade de discussão e análise, entre as demais ações que devem ser realizadas numa casa de cultura. Para ela, “[...] cultura e informação, no mundo contemporâneo, são duas faces de uma mesma moeda” (RAMOS, 2007).

Para Milanesi (2003), o verbo, *Discutir*, extrapola as técnicas dos espaços informacionais tradicionais, pois exige do profissional a sensibilidade para criar oportunidades de reflexão e crítica por meio de seminários, ciclo de debates etc. A discussão propicia a potencialização da informação, por meio dela, ideias são expostas, os conflitos surgem e assim passa a existir a necessidade de busca por informação. O autor também defende que devem ser discutidos temas decorrentes da capacidade de leitura da sociedade, por meio da sensibilidade e do conhecimento da história do país e do local, pela capacidade que o público tem de perceber os movimentos culturais. Para ele,

A forma mais usual e de maior alcance é a exposição e o debate, de preferência com a formação de pequenos grupos. Antes e depois dos debates, as informações sobre o assunto ficam disponíveis, de maneira visível e estimulante [...] Assim é feita uma ponte entre a informação e a reflexão, levando esta a exigir constantemente o acesso a novos conhecimentos. É um processo sem fim como o próprio ato de conhecer (MILANESI, 1989).

No que diz respeito ao terceiro verbo, *Criar*, – ainda pouco pensado na área de Ciência da Informação –, Milanesi, afirma que é o verbo que dá sentido aos outros (informar e discutir) e ao centro de cultura,

Ao lado dos acervos e das salas de reuniões e auditórios deverão estar os laboratórios de invenção, as oficinas de criatividade, as áreas para os debates, espaços essenciais. [...] Além da renovação constante dos discursos registrados [...] é necessário que as pessoas, articulando o seu próprio discurso possa expressá-lo por meio da escrita, da fala, dos gestos, das formas, dos sons e, sempre que possível, registrá-lo. Romper com a rotina, com a reprodução permanente, é essencial para as transformações necessárias ao meio onde se vive (MILANESI, 2003, p.180).

Para que o trabalho desenvolvido fale diretamente à vida das pessoas, tocando claramente em seus problemas, discutindo-os e procurando respostas, o centro de cultura necessita manter uma inter-relação com a cidade na qual está inserido. Milanesi mostra que a criação é possível por meio do exercício e estímulo à expressão “[...] esse é fundamental como exercício para adquirir a autonomia possível do pensamento – o que é oposto de repetir e reproduzir sem que haja a possibilidade de imaginar” (MILANESI, 2003, p.183).

Entretanto é necessário refletir acerca da ação proposta. Esse processo de criação não pode ser manipulado pelo agente cultural, de acordo com suas finalidades pré-determinadas, se ele age dessa forma, está praticando a *fabricação* de alguma atividade cultural. Pode-se perceber que esta preocupação não é apenas de Teixeira Coelho, mas também Milanesi faz este questionamento, quando comenta que a opinião pública é algo muito complexo e delicado, “[...] disso surge a questão que perturba: a população expressa o seu querer, refletindo o que precisa ou certos valores se integram de tal forma no desejo que ele passa a ser o de outro?” (MILANESI, 2003, p.183).

Estas questões se encaminharão de acordo com a tomada de decisão dos agentes culturais, que para Milanesi (2003) precisam ser democráticas, e quando tomadas, seguidas de discussões exaustivas. As atividades do centro de cultura podem-se fazer por meio da percepção dos movimentos históricos da cidade de modo que interfiram no cotidiano da cidade. Também cabe considerar que as atividades culturais têm que ser voltadas para públicos segmentados e diferenciados. “É absolutamente necessário compatibilizar o nível da informação com o nível de quem deverá recebê-la” (MILANESI, 2003, p.186).

Diante destas premissas, uma reflexão se faz importante: qual a razão de existir de um centro informacional ou museu? A informação existe para gerar outra. Para Ramos (2007) “[...] os centros devem realizar ações que integrem três campos

comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação”. Ela explica que, primeiro as ações que visam estimular a produção de bens culturais podem ser incorporadas, por meio da promoção de oficinas, cursos e laboratórios; depois de produzido o bem cultural, ele deve-se tornar público, por meio de uma política de eventos que possibilite a participação da sociedade; e por último, o bem cultural tem que ser preservado, para garantir a manutenção da memória cultural daquela coletividade. Nesse sentido, Milanesi faz a síntese

Os três verbos - informar, discutir e criar - são indissociáveis do ponto de vista político. Separá-los, isolando-os, é quebrar a ação íntegra da transformação [...] Agora, não só se abre para outros meios de informar como parte para a discussão sistemática das informações (tanto as registradas como aquelas da memória), para poder chegar à criação de uma nova informação. O que faz com que se feche o círculo (MILANESI, 1989).

Desse modo, conclui-se que espaço informacional só evolui, a partir do momento em que sua comunidade usuária depois da informação dada e discutida, passa a expressar e a manifestar sua própria concepção das coisas.

3 O PROJETO “VEJA COM AS MÃOS”

O projeto “Museu, um projeto de inclusão: veja com as mãos” surgiu de uma ação educacional com alunos da 5ª série do Ensino Fundamental do CAP, realizado em setembro de 2008 no Museu.

Com a intenção de incluir os deficientes para que estes se tornem frequentadores do Museu, projeto teve como objetivo dar acesso às informações acerca da história e características da cidade, por meio de artefatos (fotos, utensílios domésticos, utensílios rurais e urbanos, entre outros), realizando as atividades de leitura tátil, tradução em linguagem *Braille* e confecção de maquetes.

Seu desenvolvimento se deu em duas fases: a primeira trata-se de descrição dos objetos do museu, que contou com a participação dos alunos do CAP, deficientes visuais da AMAADEVI e com discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo e Geografia da UEM, ocorrido no ano de 2008. O segundo momento, ocorrido nos anos 2009 e 2010, estagiários dos cursos de Geografia e Arquitetura, elaboraram e produziram mapas, fotopapers e maquetes táteis, visando auxiliar no processo de construção do crescimento da cidade de Maringá.

A ação da primeira etapa consistiu em uma atividade que visava trabalhar a

redação dos alunos de forma mais lúdica e fora do habitual, extrapolando a prática dentro de salas de aula. Foi separado um conjunto de objetos do acervo do Museu, (um total de 120 peças do museu, entre eles, painéis fotográficos, utensílios domésticos, de trabalho e de lazer), direcionadas aos 30 alunos para que estes analisassem e elaborassem uma redação.

Após esta ação, os textos produzidos pelos alunos foram traduzidos para o Braille, ação apoiada pelo Programa Interdisciplinar de Pesquisa e Apoio à Excepcionalidade (PROPAE). As peças descritas foram expostas no MBP em outubro de 2008, sob o título “Uma experiência infantil visando a inclusão”. Na exposição tinha os objetos descritos e ao lado os textos em língua portuguesa e seguido da tradução em Braille.

Os deficientes visuais visitaram a exposição e os alunos participantes estiveram presentes neste dia, conhecendo um pouco mais este público especial, podendo ver como estes se relacionavam com os objetos.

Após esta etapa, os deficientes voltaram ao Museu para que analisassem as peças e relatassem sua percepção, nesta ação eles contaram com a ajuda de estagiários, que foram seus guias e intérpretes, escrevendo o que eles entendiam das peças. Os objetos passaram por uma terceira análise que foi dos discentes envolvidos no projeto, que deram a estes elementos uma descrição mais elaborada, sob o ponto de vista científico.

A partir desta ação, discussões ocorreram pela equipe na elaboração do projeto. Para o coordenador “[...] se lhes é proporcionado o acesso e se são instigados a pensar, este público dará respostas”. A partir desta experiência pode-se constatar que os deficientes só querem autonomia, o direito de ir e vir e isso, foi permitido pelo conhecimento do espaço e território, nos quais o indivíduo pode se orientar e mover.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para análise deste trabalho, foi realizada entrevista de grupo de foco, com foco na primeira etapa realizada no ano de 2008. As entrevistas foram aplicadas a três grupos, sendo eles, a equipe que desenvolveu o projeto – entre eles professores, discentes de graduação e funcionários do museu –, os alunos do CAP

e; os deficientes visuais. A análise do trabalho segue a estrutura em questões aplicadas na entrevista, que visava saber se os participantes tinham algum entendimento acerca da ação cultural e dos verbos informar, discutir e criar.

5 RESULTADOS FINAIS

Neste trabalho, defende-se que não há diferença entre os termos, ou seja, o museu é também um espaço informacional ou casa de cultura. Todos os entrevistados concordaram com a posição aqui colocada.

Para a equipe o centro cultural é também um centro de informação, pois as pessoas que procuram um espaço como este, independente da idade e condição social, vêm em busca de adquirir conhecimento. Exemplificaram o MBP como um espaço cultural e de informação, pois as pessoas que ali trabalham, sejam os profissionais especializados trazendo conhecimento de sua respectiva área ou alguém trabalhando diretamente com o público, estão fazendo uma troca de informação entre público interno e externo.

Ela supõe que quando se dá a nomenclatura *centro de informação*, este espaço tenha um tratamento técnico mais específico da Ciência da Informação, mas que o objetivo de um centro de cultura é dar acesso à informação, de forma que gere nas pessoas discussão, que as estimule a pensar. E apontou que um museu é lugar ideal para trabalhar com o tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Os participantes do projeto, também perceberam o museu como espaço de informação. Os deficientes visuais responderam que antes pensavam que o museu não era interessante de se visitar, eles imaginavam que era lugar de guardar objetos antigos de uma cidade, que não tinha mais valor. Esta impressão mudou depois das visitas, pois puderam perceber o prazer de conhecer, o valor e a beleza que aquele lugar pode lhes proporcionar.

Entre os alunos houve divergência entre as opiniões. Alguns apontaram que museu é local de preservação histórica, outros discordaram afirmando que há museus com interfaces mais modernas, tais como museus de tecnologia, ciências, artes, exposições automobilísticas, etc. Quando mencionado o MBP, caracterizaram-no como histórico, dizendo que neste lugar *é possível fazer comparações entre tempos históricos, o passado e presente, para poder imaginar como será o futuro.*

Entenderam-no como um local de salvaguarda e exposição.

Percebe-se que este projeto contribuiu para melhorar a imagem do museu perante o público. Isso se deu porque provocou o dinamismo, que é algo imprescindível, pois faz com que o público participe e interaja com o espaço e não o entenda mais como um “depósito de coisas velhas”.

Os participantes mostraram ter um entendimento de *Informar* como sinônimo de “aprender ou ensinar algo”. Entendem informação como novidade, um dado diferente, a algo inédito, uma possibilidade de conhecer. Eles consideram que o museu é um espaço de informação, pois através de seu acervo, mostra e informa a respeito de uma vida, em um tempo e local diferentes.

A equipe relatou que no museu são solicitados diversos tipos de informação, desde informações gerais até o nível mais específico do que o museu pode oferecer. Apontaram que se trata de uma unidade de informação que conta com documentos históricos, geográficos, entre outros relativos à Maringá e região, que o caracteriza como museu regional. E argumentaram

[...] que o público pode conhecer mais do museu quando o visitam sem intenção, pois eles se surpreendem com o que este espaço tem a oferecer com as informações a respeito da cidade e da região; e que esta relação de busca por uma mera informação pequena, pode gerar uma informação maior, mais enriquecida.

A equipe também ressaltou que este museu não apenas fornecem informações como as citadas acima, mas também disponibiliza o espaço para outras exposições de diversas áreas do conhecimento.

Ao questionar sobre o que entendem por *Discussão*, foi apontado o entendimento de um ato de troca de conhecimento, uma conversa que pode gerar aprendizados e também a relacionaram com solidariedade ou crescimento coletivo. Este diálogo pode ser agregado de valores e a troca de conceitos diferentes. Sendo assim, assimilando ideias um do outro, pode-se adquirir conhecimento e crescimento tanto no âmbito individual como também no âmbito coletivo.

A discussão também foi entendida em outros aspectos, propiciando o crescimento do grupo, pois todos contribuíram em suas respectivas áreas. O projeto e as pessoas envolvidas passaram por uma evolução de discussão, de etapas, de conhecimento das técnicas e das pessoas de diversas áreas ali inseridas, o que levou o museu a melhorar na questão de seu atendimento ao público e funcionamento. Apontaram que atualmente o projeto e o museu conseguiram

recursos financeiros de órgão federais e que isso se deve ao processo de discussão que eles passam constantemente.

A equipe entende que a discussão perpassou o diálogo entre eles, reconhecendo que a participação da comunidade externa contribuiu muito no trabalho deles e que a experiência expressa pelos participantes (deficientes visuais e alunos do CAP) foi uma somatória ao conhecimento técnico do grupo.

Os participantes relataram que após as participações das ações, eles discutiram a respeito. Sugeriram que este tipo de trabalho deve ser repetido e voltado para o público em geral, não apenas para cegos. Salientam a importância de o museu expor para as escolas, auxiliando na educação. E entendem por discussão, a conversa entre duas pessoas ou mais acerca de um conhecimento/informação ou experiência vivida, seja individual ou coletiva. Disseram que em uma experiência como esta, os indivíduos aprendem e podem participar, crescendo coletivamente, e que a discussão pode gerar outras oportunidades como, por exemplo, a possibilidade de criar ou gerar a mesma ação realizada no MBP em espaços diferentes.

Também opinaram que o tema museu é pouco discutido pela sociedade, por falta da Universidade se engajar nisso, limitando o acesso a ela e ao Museu, somente para sua comunidade interna e pessoas com melhores condições financeiras, físicas e culturais.

A palavra *Criação* foi entendida pelos participantes como fazer surgir novas ou outras oportunidades. Segundo os participantes, *para criar é preciso revisitar o que já inventaram no passado, na humanidade*. Alguns consideraram que eles não podem criar, outros discordaram, mas alegaram que podem aprender muito. Pode-se perceber que o entendimento de *aprender* é ainda em uma posição passiva, em que somente um sujeito pode transmitir o conhecimento, enquanto o outro só recebe, como se aprender, não exigisse também sua participação, sua colaboração, cuja troca não seja possível. Também foi apontado que é oportuno criar a partir de um debate, com sugestões de novas idéias, com o trabalho de busca por materiais e/ou curiosidades históricas, com atividades de arte-educação, artesanato, desenhos, etc., bem como pelo desenvolvimento do imaginário, que para eles, os cegos podem ter e têm memória fotográfica, e por isso podem criar alguma coisa. De acordo com uma participante com baixa visão *a criatividade está atrelada ao*

*imaginário, a partir da memória daquilo que viu/sentiu e apreendeu da atividade que participou, ou da visita ao local que fez; e depois expressar no papel o que apreendeu*ⁱⁱ. Sendo assim, pode-se extrair o conceito de que *Criar* é exprimir o que apreendeu de uma situação.

Para os alunos criar é fazer, inventar, desenvolver e exprimir um pensamento. Apontaram que nesta experiência com o museu, eles criaram algo, neste caso, o texto que foi transcrito para o Braille. Também disseram que é possível criar um objeto a partir da observação (da estrutura) do outro objeto. *Dá para cruzar dois objetos e assim criar outro.*

Quando perguntado o que é *Ação Cultural*, alguns participantes demonstraram desconhecimento, outros não. Alguns apontaram que é a junção das artes (teatro, dança, música, fotografia, cinema, etc.) e das diversas formas de culturas, ou então mostra/exposição das culturas, um movimento que faça o diálogo entre as culturas. A preservação também foi considerada por eles uma ação cultural, pois assim as pessoas estabelecem diálogos culturais.

Neste tópico, o objetivo era saber se a equipe do projeto tinha consciência do que era ação cultural, se o que ela entendia do seu projeto, era um trabalho de “ação cultural propriamente dita”. Dos participantes, buscou-se obter deles, algum conhecimento ou suposição do que fosse este termo, assim como se eles tinham ciência da importância da ação realizada.

Os alunos iniciaram conceituando “cultura” e eles apontaram vários aspectos, tais como “modo de viver”, ou seja, costumes, gastronomia e artes. “A cultura é um conjunto de tradições, onde expressa algo do modo de viver de um certo povo”. O termo ação cultural para eles, se tratava de um conjunto de palavras um tanto desconhecidas. Eles consideraram que o Museu fez uma ação cultural com eles, justificando que ali é um espaço de informação.

Alguns membros da equipe também tentaram entender estas palavras separadamente, conceituando primeiro, a palavra cultura. Justificaram que a ação cultural depende de qual enfoque se dá ao processo cultural, e como ela será absorvida pelos demais. Em contrapartida, o coordenador do projeto preferiu iniciar o raciocínio pela palavra “ação”, que para ele pressupõe etapas, uma série de ações, de atividades e mecanismos para que dê conhecimento a isso. Neste sentido a equipe advertiu que antes de estabelecer etapas, é necessário conhecer primeiro a

“casa”, neste caso ela se referiu ao ato de se organizar, de saber o que o espaço cultural tem a oferecer, identificar o seu potencial e de que forma o museu pode permitir que o tripé – ensino, pesquisa e extensão –, esteja inserido nele. E ainda ressaltou que estes proponentes necessitam pensar e planejar antes de propor suas ações, seja de curto, médio ou de longo prazo.

A equipe reforçou que o projeto “Veja com as mãos” é uma ação cultural e está embutida na inclusão social e destacou que a ação só será possível a partir do momento em que o museu tiver bem definido *o que ele é, como e porque ele executa as suas ações* e que tudo isso é pautado pelas características da casa de cultura, pela sua natureza, que deve ser bem definida para propor ações voltadas à população, de forma que contribua com o crescimento do pensamento da população.

A respeito de um proponente de uma atividade cultural realizá-la de fato, é sugerido por um dos entrevistados que este esteja presente na sua ação, para manter um diálogo com seu público e sentir como ela está acontecendo, como ele a recebeu. Sendo assim, a ação cultural não é apenas promover eventos culturais ou apresentações artísticas ou culturais; ela é discutir a cultura e está ou deveria estar em todas as partes.

Os membros da equipe também relacionaram a ação cultural com o acesso a um espaço como o Museu, pois assim estimulará as pessoas a frequentá-lo. Mas também ressaltou que cada ação proposta, deve ser cuidadosamente pensada e planejada, de forma que receba bem o público e que atinja o objetivo de trabalhar para e com ele, deixando claro que o espaço é para ele também atuar na sociedade. Acreditam que assim contribuem para a população “pegar gosto pela cultura” e que uma ação como esta pode e deve ser realizada por profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Constata-se que este termo ainda não tem o real sentido para os participantes do projeto, por se tratar de uma discussão que se imbricou nos meios acadêmicos e entre profissionais que trabalham com a cultura. Por outro lado, eles entendem que se trata de uma ação que trabalha em benefício da população em âmbito cultural como social.

Já a equipe mostrou ter um entendimento parecido e/ou semelhante do conceito aqui proposto, apesar de não fazerem referência aos mesmos autores aos

quais se baseia esta pesquisa. Nota-se também que a intenção deles no projeto, levou em consideração como se procederam as etapas. Sua ação envolveu e valorizou o processo, procurou fazer com que os sujeitos envolvidos se encontrassem no universo da cultura.

Este projeto pode ser considerado aqui como “ação cultural de criação” ou “ação cultural propriamente dita”, pois o projeto e a equipe, por meio das quatro etapas do sistema de produção cultural (produção, distribuição, troca e uso), mediaram a relação do público com as obras de cultura, bem como proporcionaram aos participantes maior contato com ela e com os verbos informar, discutir e criar. Quanto ao MBP ele executa também a “ação cultural de serviços”, uma vez que propicia ao público o acesso à cultura, embutida na política cultural.

A equipe considerou que com base nesses conceitos, a visão de museu não se modificou, mas que se complementou. Relataram que esta experiência foi agradável, que o projeto contribuiu para que eles entendessem e pudessem mostrar que museu é diferente do que pensa a maioria da população, mas concordam que o Museu ainda tem muito a fazer para se tornar conhecido pela população.

Alguns entrevistados disseram que não houve grandes alterações de pensamento, que já associavam museu com cultura, com espaço para informação, discussão e criação, bem como de ação cultural. Contudo, a maioria opinou que a experiência no Museu os levou a ver este espaço de forma diferente. Tanto o grupo de deficientes como o grupo dos alunos, apontaram que o conceito que tinham de museu foi alterado após a participação no projeto, adotando hoje como concepção deste lugar, de acordo com o que vivenciaram no Museu, como um espaço dinâmico, de ação cultural.

Todos os participantes em geral e os membros da equipe alegaram que gostaram da ação cultural do projeto “Veja com as mãos”. Aos participantes da AMAADEVI, significou outra forma de leitura, pois alguns que já vivenciaram o uso de certos objetos, haviam se esquecido de como era o seu manuseio, então esta relação foi mais no sentido de recordar; e para os demais, ter conhecimento dos objetos antigos, tratava-se de algo inédito, uma experiência diferente. Vale considerar que, para aqueles que não são cegos de nascença, sentir com o tato é uma forma diferente de se relacionar com a informação.

Os adolescentes reconheceram a importância do trabalho que fizeram ao se

lembrarem da exposição com os textos escritos por eles e da transcrição em Braille. Recordaram que viram os cegos se relacionarem com os objetos e textos traduzidos. Os alunos disseram que gostaram da atividade, justificando que aquele acervo era algo novo para eles. E ainda apontaram outro ponto positivo desta atividade, dizendo que ela se contrapõe à rotina de sala de aula, trazendo novidades e motivando-os para aprender e desenvolver. Todos concordaram que uma atividade como esta poderia ser aplicada em outras disciplinas do currículo escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que este projeto foi uma ação cultural propriamente dita, uma vez que, teve uma relação intensa entre equipe do projeto e os participantes, proporcionando aos envolvidos, meios para que eles criem seus próprios fins. A equipe considera que o trabalho somente cresceu, porque contou com a participação da comunidade, reconhecendo que aprenderam com os participantes.

Neste caso houve a *criação*, pois Teixeira Coelho a entende como: “[...] desenvolvimento das relações entre as pessoas e uma obra – que permitirão a apreensão mais larga possível do universo da obra e a ampliação dos universos pessoais” (TEIXEIRA COELHO, 2004, p.33). Sendo assim, a ação de tocar nos objetos possibilitou aos participantes uma apreensão mais larga do universo do Museu, como também possibilitou uma relação diferente das visitas habituais.

Também cabe ressaltar que a ação desenvolvida envolveu *processos*. Deve-se levar em conta que a ação cultural é mais abrangente que apenas realizar as atividades culturais, pois envolve políticas públicas, projetos, recursos humanos e financeiros.

De acordo com Almeida (1987) a equipe do MBP atuou como *agente cultural*, que se trata de uma “[...] *dimensão* de profissões. [...] O sujeito não vai exercer uma nova profissão, mas vai contextualizar sua ação” (ALMEIDA, 1987, p.32). Esta realidade se aplica ao MBP, uma vez que a equipe do museu - entre eles o museólogo (também coordenador do museu) e profissionais com formação em Educação, Artes Cênicas e Geografia -, contaram com a parceria de docentes da universidade das áreas de Arquitetura e Geografia, na execução do projeto “Veja com as mãos”. Também inclui nesta dimensão o apoio dos profissionais do CAP – a

professora de Língua Portuguesa e demais pedagogos do colégio –, e os responsáveis pela AMAADEVI – o presidente e as professoras do colégio que alguns dos deficientes freqüentam. Vê-se que, a equipe proponente e os demais envolvidos, são profissionais que encontraram no Museu, um lugar onde pudessem desenvolver um projeto social e aplicar os conhecimentos e técnicas de sua área respectiva.

Finaliza-se com a recomendação de se pensar mais profundo na questão da inclusão social. Quantos profissionais que atuam em equipamentos culturais se preocupam e atuam de fato, para atender a necessidade de acesso à cultura, informação e conhecimento às pessoas com necessidades especiais? Quantos dirigentes de Museus e outras instituições culturais e/ou informacionais, atuam como agentes culturais, permitindo o intercâmbio de dimensão de profissão?

É preciso aceitar que se trata de um longo e laborioso, porém essencial percurso a percorrer, no que diz respeito a proporcionar o acesso à informação. No entanto, possível e gratificante de se fazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. B. de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações de sua prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.20, n.1-4, p.31-38, jan./dez. 1987.

MILANESI, L. A. **A casa da invenção**. 4.ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 2003.

_____. Cultura: biblioteca uma outra dimensão. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, n.6, abr./jun. 1989. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=478>>. Acesso em: 30 maio 2009.

RAMOS, L. B. Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2009.

TEIXEIRA COELHO, J. **Dicionário crítico de políticas culturais**. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.

NOTAS

-
- ⁱ Usa-se aqui a aplicação destes verbos ao espaço Museu, por identificar-se nele também a função de Centro Informacional.
- ⁱⁱ Vale lembrar aqui que entre os entrevistados não havia apenas cegos de nascença, mas também pessoas que perderam a visão ao longo da vida. Entretanto a memória fotográfica a que eles se referem não diz respeito apenas a imagem visual, mas também a uma imagem sensorial, a noção de espaço que eles têm que não se refere apenas ao visual.